

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

LUIZ BUARQUE MARQUES DE GUSMÃO

OS MALEFÍCIOS DO TEATRO (COM JONAS ALEXANDRE)

MEMORIAL

Rio de Janeiro

2021

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Memorial

Aluno: Luiz Buarque Marques de Gusmão

DRE: 115034861

Curso: Artes Cênicas – Direção Teatral

Disciplina: Projeto Experimental em Teatro (PET)

Orientação: Gabriela Lírio Gurgel Monteiro

Rio de Janeiro - Julho de 2021

PRÓLOGO

A jornada do meu projeto de formatura foi, dentre muitas coisas, longa. Decidi organizar esse memorial a partir das reuniões e encontros que me marcaram ao longo dos três anos necessários para a conclusão do projeto. Através dessas memórias (além de fotos, anotações e mensagens de texto), consegui recuperar como encarei a “missão” em suas várias fases e o que estava enfrentando em cada uma delas.

Acabou sendo uma escolha produtiva, já que passei boa parte dos anos finais da faculdade explicando meu “musical baseado no livro de *selfies* da Kim Kardashian” para as mais variadas plateias: colegas e corpo docente, amigos, elencos, estranhos em festas, namorados e até ex-namorados. Musical que acabou virando um podcast de comédia sobre um festival de teatro fictício. Espero que este relato ajude a elucidar como isso aconteceu.

PARTE I - UM MCDONALD’S NA TIJUCA (2018)

A primeira reunião que consigo lembrar foi no primeiro semestre de 2018. Encontrei meu amigo Igor no McDonald’s da rua Mariz e Barros depois que o expediente dele num escritório próximo acabou. Acho que nunca esqueci essa reunião justamente por conta do cenário em que ela aconteceu: o subsolo desse McDonald's era tão escuro e abandonado que serviria como locação de um filme de apocalipse zumbi.

Meu *pitch* naquele fim de tarde foi algo como “um musical inspirado no livro de *selfies* da Kim Kardashian, misturando tragédias gregas e o melhor da cultura pop atual”. Escolhi testar a ideia inicial com Igor porque ele era um amigo próximo, mas também um crítico implacável. Trabalhava com teatro, mas transitava pelo mundo corporativo. Pisciano com ascendente em escorpião: cuidadoso e bem intencionado, mas pouco dado a elogios gratuitos.

Ainda assim, ele estava mais calado do que o normal. Talvez meio zozzo com a chuva de referências que eu estava despejando? De certa forma, tinha sido justamente por isso que havia marcado aquela reunião: apesar de empolgado, eu estava tão confuso quanto ele.

Mas eu tinha tempo! Já havia me programado para me formar somente no ano seguinte, depois de montar minha Direção VI e cursar um semestre de “Projeto de Encenação” (que me forçaria a analisar minuciosamente minhas ideias).

Eu só não contava com duas coisas: a primeira que “O Bom Doutor”, meu musical de Direção VI, seria um processo tão rico quanto traumático. A segunda, que dois meses depois de sua estreia, eu e Igor perderíamos um amigo.

Imagem 1 - George Luis Prata em “O Bom Doutor”

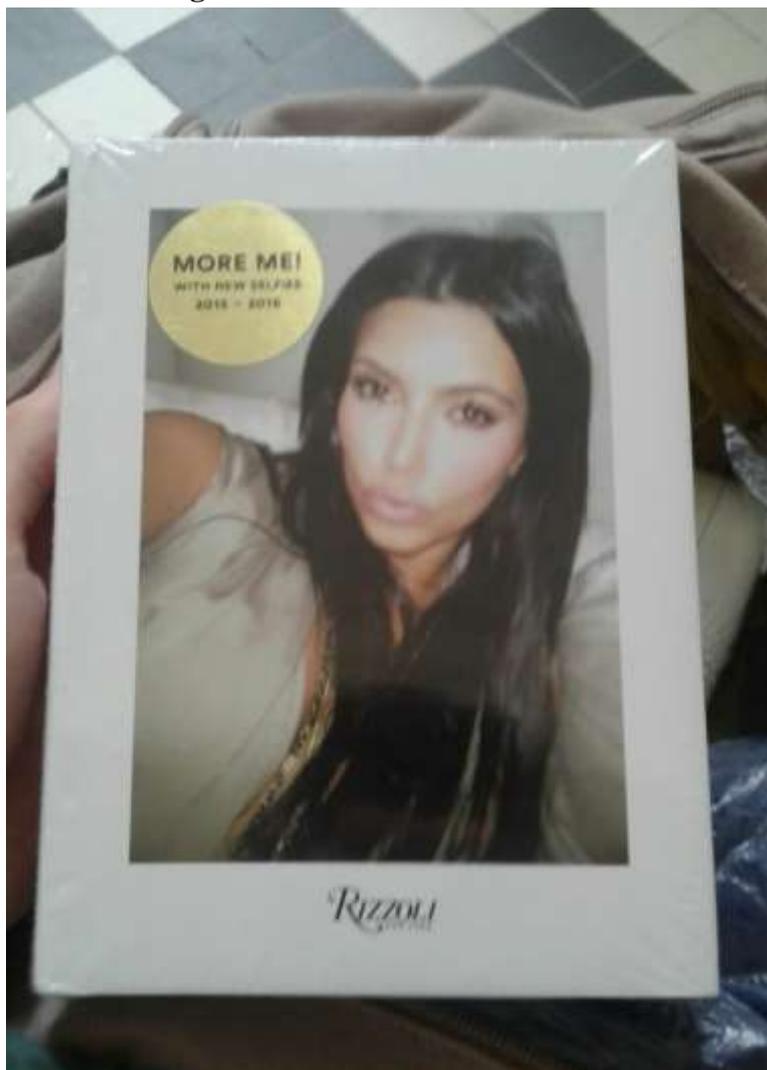


Fonte: acervo pessoal, 2018.

Além de amigo, George era meu parceiro de escrita. Éramos dois obcecados por musicais e focados na “missão” de trazê-los para dentro da universidade pública. Participava das minhas montagens quase como “aluno-diretor honorário” e quando ele se envolvia, aquele projeto virava a coisa mais importante do mundo. Quando ele morreu, ficou mais difícil reconhecer o que era importante. Ainda é.

Mas essa história, na verdade, começa bem antes da reunião no subsolo sombrio do McDonald’s e da morte de George. Começa em março de 2017, quando, flanando pela seção de "Arte e Fotografia" de uma livraria (também tijuicana), esbarrei num livro que só imaginava existir no Twitter.

Imagem 2 - “Selfish” de Kim Kardashian



Fonte: acervo pessoal, 2017.

O volume era uma coletânea de *selfies* da *mega-influencer* Kim Kardashian, publicado em capa dura por uma das maiores editoras de arte do mundo. Visto como delírio narcisista por uns e comentário irônico sobre nossa cultura imagética por outros, ele me impressionou justamente por borrar tantas divisões culturais. Também me fez pensar sobre o que era considerado digno de publicação e quem define esses critérios:

A ideia do projeto surge da experiência de encontrar o famigerado livro de *selfies* em uma livraria. O encontro de dois universos aparentemente irreconciliáveis (um fenômeno midiático concretizado em edição de capa dura comumente reservada para publicações “relevantes”) me fez passar meses pensando nas várias questões envolvendo a produção e transmissão de conhecimento, o que tomamos por “conhecimento” e como cada sociedade comunica e preserva suas ideias.

(Trecho do primeiro projeto de “Kim Kardashian em Áulis”, produzido na disciplina “Projeto de Encenação” ministrada pela professora Gabriela Lírio no 1º semestre de 2018)

PARTE II - UM PRÉDIO COMERCIAL NO CENTRO (2019)

O ano de 2019 foi marcado por dois *workshops* do musical (na época ainda chamado “Kim Kardashian em Áulis”) e uma segunda incursão pela matéria “Projeto de Encenação” (que não rendeu uma encenação).

KKEA - WORKSHOP #01 (25 e 26 de Fevereiro de 2019)

Imagem 3 - Anúncio “Workshop #01”



Fonte: acervo pessoal, 2019.

O primeiro workshop aconteceu numa sala de um prédio comercial no Centro do Rio de Janeiro. Ela era administrada por integrantes do “Embando”: coro cênico do qual minha produtora e atriz, Ilona Wirth, fazia parte. O espaço não era grande e estava praticamente vazio, mas o grupo estava focado em transformá-lo em um centro cultural que estimulasse os projetos de seus integrantes. Eu estava grato pela oportunidade e gostava da ideia de testar meu musical em um ambiente tão “cotidiano”.

Além do mais, era o lugar perfeito para começar a levantar uma história que se passava num apartamento vazio transformado em museu clandestino pela protagonista. Na época, pensava em abordar o choque entre “canônico” e “pop” pelo viés das artes plásticas e das “heterotopias” de Foucault:

Convertido em centro cultural, esse “espaço improvisado” como cenário de toda a ação é uma escolha dramática e cênica embasada pela ideia de “heterotopia” foucaultiana: uma categoria de espaços alternativos surgidos do concreto e do cotidiano. Ao longo da história, encontramos diversos relatos de movimentos nascidos em espaços residenciais (o desejo de Laura Alvim de transformar em centro cultural a propriedade de sua família em Ipanema), porões de loja (primeira sede do teatro de vanguarda do “La MaMa E.T.C.” fundado em Nova York por Ellen Stewart) e até mesmo salas de estar (...).

(Trecho do segundo projeto de “Kim Kardashian em Áulis”, produzido na disciplina “Projeto de Encenação” ministrada pela professora Gabriela Lírio no 1º semestre de 2019)

O texto também era baseado nas análises da relação “teatro/cidade” presentes na comédia “As Rãs” de Aristófanes (inclusive virei monitor da disciplina “História do Espetáculo I” naquele semestre para mergulhar nesse universo):

“Kim Kardashian em Áulis” parte da comédia grega para imaginar a jornada de uma artista plástica que estremece a cena cultural do Rio de Janeiro ao transformar seu apartamento em um museu dedicado a releituras de telas canônicas a partir da cultura pop contemporânea. Um musical original que objetiva encurtar a distância entre expressões estéticas divergentes para investigar de que modo o fazer artístico lida com os desafios da sociedade que o cerca para se manter capaz de oferecer novas perspectivas em tempos de incerteza.

(Trecho do segundo projeto de “Kim Kardashian em Áulis”, produzido na disciplina “Projeto de Encenação” ministrada pela professora Gabriela Lírio no 1º semestre de 2019)

Assim sendo, essas primeiras sessões de pesquisa consistiam em reunir um grupo de atores e atrizes (que poderiam ou não integrar o elenco do musical) para “lapidar” a proposta inicial e encontrar uma ideia central que pudesse guiar o processo de escrita. As atividades propostas no primeiro dia foram:

DIA 01 - 25/02 (Segunda)

CRONOGRAMA

Apresentação do Projeto (15 min)

Apresentação da equipe, sinopse da peça e objetivos do workshop.

Apresentação da “Abertura” (10 min)
Prévia da primeira cena do espetáculo.

PRÁTICAS

Aquecimento e preparação com Ilona (15 min)

Currículo Encenado (45 min)

Cada ator encena seus três últimos trabalhos e apresenta uma habilidade que considere sua especialidade.

“Linha de Coro” (15 min)

Cinco atores dispostos ao longo de uma linha recebem um comando individual. Cantam uma melodia comum e o propositor orquestra o momento em que cada um realiza sua ação (contar uma história, cantar uma música, descrever uma imagem) com o objetivo de experimentar as variações daquela composição.

A História da Tela (20 min)

A partir de grandes pinturas, trios ou duplas fazem pequenos improvisos seguindo os seguintes dispositivos:

- *Recriar a imagem em algum momento*
- *Citar o nome da tela*
- *Uma virada brusca*

Agon (30 min)

Com o grupo dividido em duplas, grandes dilemas da dramaturgia mundial são debatidos pelos atores. Ao longo do jogo, variações no formato dos grupos, testando vários tipos de dinâmicas de coro.

Encerramento (15 min)

Conversa breve sobre as práticas do dia.

As práticas e rodas de conversas mostraram que a ideia de trabalhar com personagens e eventos da “cultura pop” (que raramente adentravam salas de ensaio) estimulava aqueles jovens atores e atrizes. Além disso, era um sonho antigo realizar esse tipo de processo, ainda raro no musical brasileiro, de testar na prática ideias em estágio tão embrionário para um musical completamente original.

Com o conhecimento adquirido nesses primeiros dois dias, foi estabelecido que um segundo *workshop* seria realizado no mês de junho e até lá eu me dedicaria a escrever o primeiro ato (junto com o compositor e o letrista). Também voltaria como ouvinte para a disciplina “Projeto de Encenação” com o intuito de atualizar o projeto.

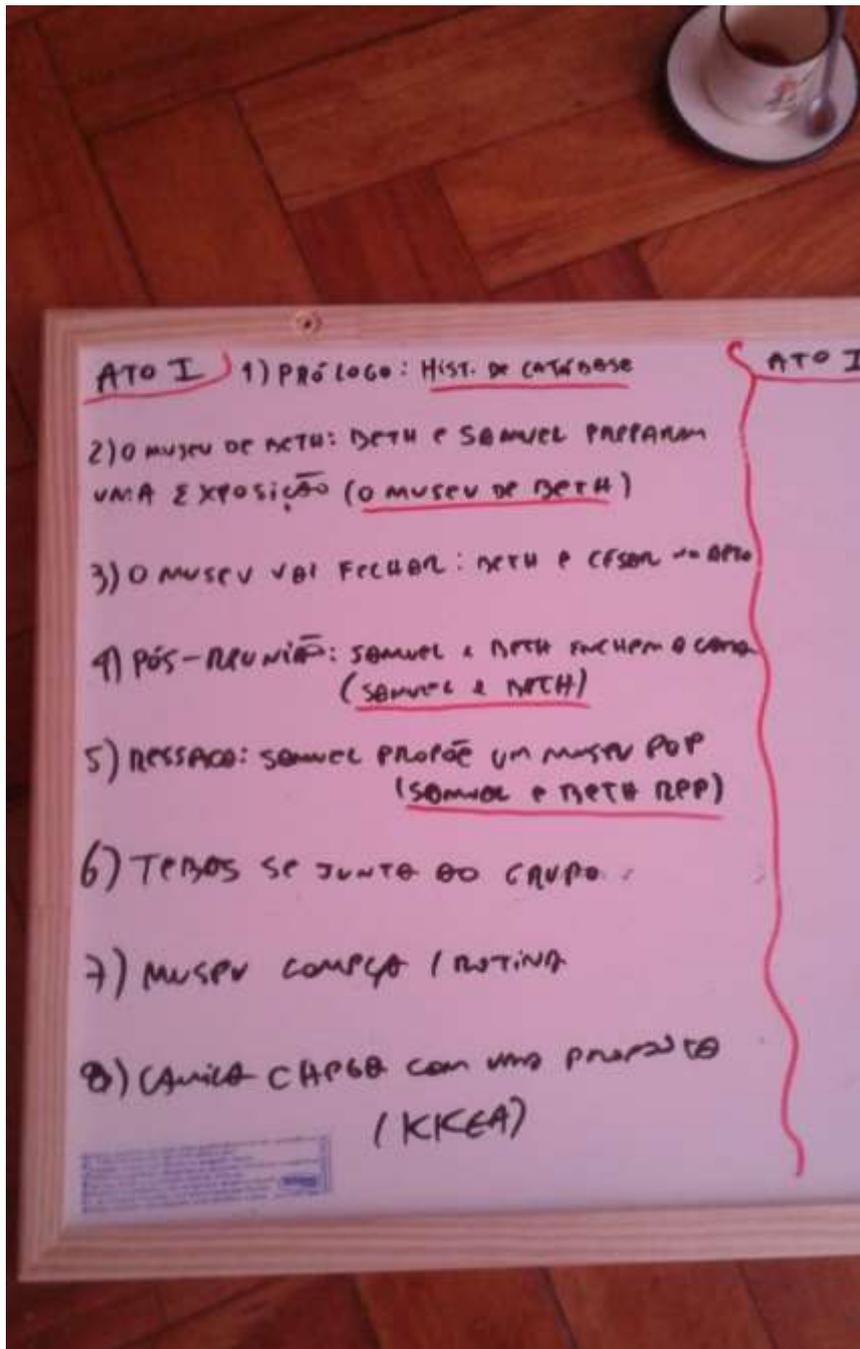
Imagem 4 - Vitor Alli e Ilona Wirth no primeiro dia de *workshop*



Fonte: acervo pessoal, 2019.

KKEA - WORKSHOP #02 (Junho de 2019)

Imagem 5 - Registro de reunião do "Workshop #02"



Fonte: acervo pessoal, 2019.

Ao longo do mês de junho, recomeçaram as reuniões de "Kim Kardashian em Áulis". Sessões de leitura e improvisação a partir das cenas já escritas foram realizadas na mesma sala comercial com um elenco formado por participantes do primeiro *workshop*. O objetivo era terminar a escrita do primeiro ato e no mês de julho realizar uma "leitura para convidados" do material.

O diálogo a seguir faz parte de uma das primeiras cenas do musical, quando a protagonista Beth e seu ex-funcionário/amigo Samuel começam a conceber a ideia do museu que será central para o desenvolvimento da trama:

BETH. Museu?

SAMUEL. No Instagram. Ele fazia versões “pop” de pinturas clássicas. Eu não entendo isso, a pessoa consegue duzentos mil seguidores e some. (*Mostrando o telefone*) Eu acho que cheguei a te mostrar quando teve a mostra de pop art no nosso museu. Você respondeu com três emojis gargalhando.

BETH (*perde o interesse*). Ah sim. Boa sorte com seu pai.

Samuel sai. Beth acha o telefone que estava procurando.

BETH. Oi, eu tinha uma visita agendada aqui em Copacabana hoje de manhã. Você falou com o meu noivo, César. Eu tive um...imprevisto, peço mil desculpas, será que temos como remarcar a visita? Pode ser hoje mesmo, qualquer horário.

Ela desliga.

BETH. Duzentos mil seguidores.

LÍDER DO CORO. Como eu disse, uma checada matinal no telefone pode transformar vidas. Observem.

Vemos o turbilhão de ideias que a perda da visita e a informação trazida por Samuel causam em Beth. Ela começa a fazer uma série de pesquisas na internet atrás de mais informações sobre o museu do Instagram.

(Trecho de “Kim Kardashian em Áulis” - BUARQUE, 2019, p. 12).

A ideia de “catábase” era central ao texto. Jornada ao submundo em busca de respostas, ela marca diversas mitologias clássicas e muitas vezes consiste no encontro do herói com algum ente querido que morreu subitamente. Fazia menos de um ano que George havia morrido e eu estava tentando processar meu luto através da escrita. A relação de mentoria entre “Beth” e “Samuel” também era muito inspirada na relação que eu tinha com George.

Na última reunião do mês, meu amigo Yan Chi foi ao ensaio para oferecer um “olhar de fora”. Participou da leitura e depois me chamou para almoçar. Como Igor (do McDonald’s na Tijuca), Yan é cuidadoso porém direto. Em um simpático restaurante a quilo na região da Saara, disse que eu não estava ousando o suficiente na tentativa de concretizar aquilo que prometia no projeto inicial.

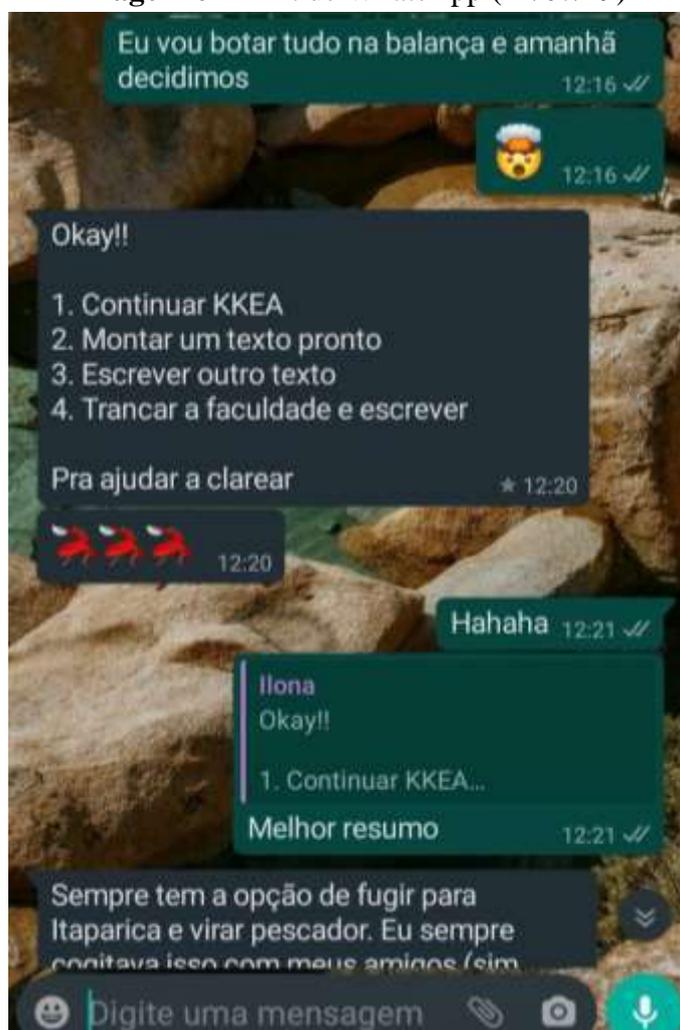
Não foi fácil de ouvir, mas ele tinha razão: no período que separou os dois *workshops*, acabei não escrevendo o suficiente e estava cada vez mais perdido na estrutura do musical. Na verdade, boa parte do segundo *workshop* consistiu em sessões de conversa com a

equipe criativa (compositor, letrista, dramaturgista e produtora) na tentativa de elucidar essa estrutura. Novas referências e caminhos possíveis surgiam, mas não ajudavam a encontrar o “cerne da coisa” que eu estava procurando desde o início daquele ano.

A história tinha muitas referências e personagens carismáticos, mas parecia não querer sair do lugar. Atualmente, sigo trabalhando com dramaturgia para musicais e percebo que na época não tinha os recursos técnicos para solucionar as demandas de um musical daquele porte. Minha saúde mental também não ia bem e isso fazia com que eu lidasse cada vez pior com a pressão.

Em julho, mês em que a “leitura para convidados” deveria acontecer, comecei a trabalhar na loja de açaí que um amigo estava inaugurando. Entre um atendimento e outro, tentava encaminhar o projeto, mas acabei decidindo trancar a faculdade e adiar minha formatura mais uma vez.

Imagem 6 - Print de WhatsApp (24/07/19)



Fonte: acervo pessoal, 2021.

No final daquele ano, acabei saindo do emprego determinado a voltar para a faculdade e tirar "Kim Kardashian em Áulis" do papel. No início de março de 2020, mês em que destranquei minha matrícula, a pandemia do (então) novo coronavírus fechou as portas do campus da Praia Vermelha e do mundo inteiro.

PARTE III - UM EDREDOM NO RECREIO DOS BANDEIRANTES (2020-21)

No segundo semestre, as atividades acadêmicas retornaram remotamente e a possibilidade de uma "Mostra de Teatro" *online* tornou-se realidade. As restrições técnicas do momento, porém, exigiram uma reformulação estrutural. Como ao longo dos meses iniciais da pandemia havia me apaixonado por *podcasts*, meu terceiro projeto propunha: "(...) um podcast em quatro episódios, cada um contendo um "mini-musical" original que utilize os códigos estéticos e dramáticos do audiodrama com o objetivo de investigar as diferentes relações entre mídia e memória em períodos variados da história Ocidental." (Trecho do terceiro projeto de "Kim Kardashian em Áulis", 2º semestre de 2020).

Aproveitei o livro de *selfies* para o primeiro episódio, ideias do meu "acervo" para os outros três e comecei a escrever os roteiros. Sem muito sucesso. Felizmente, uma extensão do prazo de entrega permitiu que novas questões pudessem ser investigadas: como mergulhar no formato "podcast" mais do que no de "áudio drama"? Como colocar em prática experimentos da disciplina "Humor e Comédia" do professor José Henrique cursada ao longo do PLE? Fazer um musical ainda era essencial nesta etapa da minha formação?

E foi assim que "Kim Kardashian em Áulis" virou "Os Malefícios do Teatro (com Jonas Alexandre)": podcast de comédia sobre os bastidores do (fictício) "Tudo Bem Quando Termina Cedo: Festival de Peça Curtas". A estrutura de *talk-show* ajudou a investigar a estética da "entrevista" e como ela cria uma versão ficcionalizada dos fatos que procura.

Precisava decidir também qual seria o tom de comédia do texto. Considerando o cenário político em que ele estava sendo concebido, não foi surpresa quando a palavra "deboche" começou a rondar minha mente. Foi (e segue sendo) triste acompanhar o processo de ridicularização que especialistas de várias áreas sofrem por parte das correntes extremistas que dominam a política brasileira e resolvi introduzir isso na dramaturgia.

Transformei o personagem do apresentador em um apaixonado pelo tema de seu programa, mas completamente egocêntrico e focado em "deixar sua marca" na atração. Vemos isso, por exemplo, quando Jonas obriga os convidados a encerrarem suas

participações promovendo tudo menos a peça que vieram divulgar. Apenas para cumprir uma dinâmica inspirada pelo título de sua peça favorita (“Os Malefícios do Tabaco”, do russo Anton Tchekhov).

O DNA de Jonas, inclusive, é bastante concreto: no início de 2020, avistei na Cinelândia um voluntário da UNICEF com uma abordagem diferente da que costumava encontrar nas ruas da cidade. A atitude polida e a prancheta colada ao corpo davam lugar ao contato agressivo e gestos expansivos dignos de uma estrela de teatro musical. Comecei então a conceber um personagem que acreditasse estar prestando um “serviço essencial” sem se privar de “brilhar” ao longo do processo.

Apesar disso, o próprio Jonas figura como alvo das piadas e suas empreitadas acabam resultando em algo diferente do planejado por ele. Nesse sentido, foi libertador poder “rir do rei” através da arrogância falha de Jonas Alexandre. Ainda assim, era essencial que o deboche e a ironia não sufocassem o desejo de celebrar o espírito resiliente de quem faz teatro (um dos meus maiores objetivos com a atual versão do projeto).

A solução foi tentar colocar no fundo dessa acidez alguma verdade emocional. Assim, estabeleci o desafio de partir do “negativo” para o “positivo”: forjar os momentos mais sinceros e esperançosos do texto através de situações desconfortáveis. Uma tentativa de reconhecer os sacrifícios e dificuldades que fazem parte da vida de quem escolhe trabalhar com teatro. Essa dinâmica de mover os personagens da ironia pra sinceridade destravou a escrita do texto.

O PROCESSO DE GRAVAÇÃO

Tudo que sei sobre o procedimento necessário para a gravação de podcasts aprendi ao longo das cinco sessões de “Os Malefícios do Teatro”. Cada uma delas, porém, foi um “intensivão” repleto de lições e um contraponto interessante ao regime de longas pesquisas que dominou o projeto por anos. Com o prazo cada vez mais escasso e as possibilidades de adiamento cada vez menos razoáveis, inúmeras decisões tiveram que ser tomadas no “calor do momento”.

E uso a expressão de forma literal: um podcast caseiro envolve longos períodos sob um edredom em um quarto fechado, já que o som com baixo nível de ruído exclui janelas abertas ou ventiladores ligados. No primeiro dia de gravação, meses de tensão, uma série de problemas técnicos e o já mencionado calor me fizeram vomitar de nervoso. Quando comentei com a atriz com quem gravei naquele dia o que havia acontecido, ela disse que só

tinha visto aquilo “acontecer em filme”. Naturalmente, a sessão daquele dia teve que ser refeita.

Por razões práticas, optei por assumir o maior número possível de funções e além da escrita, direção e produção acabei interpretando Jonas Alexandre (exceção pandêmica, já que a proibição do aluno-diretor de atuar em seu próprio espetáculo é um dogma do curso). Devido ao acúmulo de cargos, a direção do podcast deu-se mais efetivamente ao longo do processo de edição. Nesse aspecto, gostaria de ter organizado melhor meu cronograma para poder conciliar as funções que assumi sem ficar assoberbado por elas.

Imagem 7 - Cartaz “Os Malefícios do Teatro (com Jonas Alexandre)”



Fonte: acervo pessoal, 2021.

ESTREIA & FEEDBACK

Meu podcast não contou com uma transmissão ao vivo que possibilitasse, mesmo digitalmente, uma plateia: no dia seis de junho, os três episódios chegaram diretamente aos canais da Mostra em plataformas como Spotify e YouTube. A partir daí, foi feito um esforço por parte da equipe do projeto e da produção da Mostra para garantir um público para Jonas e seus convidados.

Após três anos de maturação, estava ansioso para saber como o projeto iria atingir outras pessoas e fui atrás de familiares, amigos, namorado, colegas e professores do curso para descobrir como receberam o material. Nesse sentido, a banca avaliadora foi de extrema importância: ouvir os comentários dos professores convidados foi uma das poucas oportunidades que tive de receber *feedback* sobre o programa.

O processo de divulgação do podcast, inclusive, tem sido um aprendizado sobre a vida prática numa carreira artística. Pois se antes da pandemia a presença digital já era parte da rotina, agora é a única plataforma que diversos espetáculos têm para existir. Entender sua linguagem e como buscar um público nela tem sido bastante proveitoso.

Imagem 8 - Convite “Banca Luiz Buarque”



Fonte: acervo pessoal, 2021.

CONCLUSÃO

Meu tão esperado projeto de formatura foi concebido ao longo do luto de uma parceria, uma eleição presidencial desastrosa, dilúvios que pararam o Rio de Janeiro e uma pandemia que segue firme no Brasil de 2021. Passar em revista os últimos três anos, porém, comprova o que senti quando terminei de gravar a última fala de Jonas: um resultado extremamente pessoal. E apesar de não recomendar um processo tão extenso, entendo que ele foi necessário e que constitui um “raio X” do que aprendi na Direção Teatral da UFRJ.

Termino então com as palavras finais de Jonas Alexandre:

JONAS:

Vivem prevendo o fim do teatro: seja pela falta intencional de investimento público, serviços de streaming se reproduzindo feito Gremlins ou musicais sobre cantores que *ainda* não morreram. Os ataques vêm de todos os lados, mas nós seguimos. Nem sempre é bonito, não é ideal, mas aos trancos e barrancos...nós seguimos.

Bom, então sigamos!

Mais uma vez, obrigado à você pela audiência, e ao Calebe por dividir um pouco do nosso processo...do processo *dele* com a gente.

Eu sou Jonas Alexandre e esse foi “Os Malefícios do Teatro”.

Até breve!

(Eu não vou cantar! Falei que não ia cantar...)

(Trecho de “Os Malefícios do Teatro - Episódio 03” - BUARQUE, 2021, p. 12).